

A TOLERÂNCIA DOS DEUSES É DIABOLICAMENTE FASCINANTE

Maria das Graças de Santana Rodrigué

Licenciatura em Educação. Mestranda em Ciências da Religião PUC-SP

Resumo: A religião dos orixás espalhada pelas Américas, mais do que na sua terra de origem, é um sistema extremamente complexo que exige um sofisticado vocabulário para que se chegue mais perto de uma leitura capaz de oferecer a compreensão do fenômeno. Uma experiência deste nível não pode ser simplesmente explicada: ele deve ser compreendida no universo de cultura. Esses deuses, às vezes tratados como figuras diabólicas, assombram e fascinam.

Palavras-chave: guerreiro; músico; humanista; solidariedade; sanguinário; filho; amor.

Abstract: The religion of the orixás, scattered about the Americas more than in its native land, is a very complex system that claims for a sophisticated vocabulary so that one can get closer to a suitable comprehension of the phenomenon. This experience cannot be just explained. It should be understood in the context of the culture. These gods, sometimes understood diabolical figures, terrify and fascinate us.

Keywords: fighter; musician; humanity; solidarity; sanguinary; son; love.

Introdução

Este texto se faz símbolo para o Último Andar. “Não há explicação no plano lógico sobre o que leva um fenômeno ou objeto a se tornar símbolo” (Ramos, 1998, p. 65). Nossa intenção é apresentá-lo considerando “a ideia central contida na palavra símbolo”, como a união desse algo conhecido com algo que vem de fora, “estrangeiro” assim como Ògún significa um símbolo na expansão do legado africano aspecto que particulariza a complexa constituição da cultura brasileira. “Estamos diante de um saber e um processo que escapa a esquema preestabelecido” (Brito, 1996, p. 104).

Este símbolo aqui se refere ao que se conhece da jornada do orixá Ògún como herói mítico, “algo desconhecido”, “inconsciente” que nos “reporta a uma realidade além daquela expressa” (Ramos, 1998, p. 64) nas palavras escritas, portanto, leia, entre no universo da paisagem histórica que o texto oferece, ao sair verifique “a presença de uma emoção¹ (Ramos, 1998, p. 65) que nos torna sensíveis” ao texto-símbolo, não é necessário compreensão. O símbolo é por excelência um “mecanismo transformador de energia” (Ramos, 1998, p. 65) em via de novos conhecimentos.

Este texto é parte de uma conferência realizada pela autora Maria das Graças de Santana Rodrigué, durante a conferência The African Diaspora and the Modern World realizada pelo Center for Africa and African Studies, a convite da University of Texas em Austin - USA, de 21 a 25 de fevereiro, 1996.

Ògún, o Herói Mítico de Origem Africana

Que sorte tive eu de não presenciar as extravagâncias desse guerreiro, filho primogênito de Oxalá, se debatendo, contra seus próprios filhos, como diz o “antigamente...” do povo de orixá. Nem por isso Ògún deixou de carregar em punho um dos símbolos arquetípicos daquele que abre caminhos com suas próprias mãos. Função do filho, do jovem, do moço que todo mundo é um tanto. A marca de guerreiro em suas mãos denuncia o sentido do fazer, tal qual o paramento que os que manifestam o orixá carregam quando

¹ Significa um movimento para fora, para o exterior.

incorporados. Significa o fundamento do sangue na expressão, na atuação. Ògún é um símbolo arquetípico do exercer. Da luta. Entra-se no mito quando se entra no risco, e o mito é o encanto que naquele momento conseguimos fazer agir em nós. Mais do que uma crença é um vínculo mágico que nos envolve (envolve uma ciência da paz). É um trabalho que a alma realiza sobre si mesma. Esse vínculo nos envolve porque inteligentemente nos deixamos ser envolvidos. Mas como não posso viver em demasia na controvérsia do mundo dos sonhos o direito à liberdade exige retorno à minha complacente realidade. A realidade mitológica é por natureza uma ponte suspensa, abstrata e sagrada. E para muitos, os religiosos por exemplo, esse retorno perpassa o ritual. “O universo não é só mais estranho do que o supomos, mas também ele muito mais estranho do que podemos supor”²

O mundo do mito não abriga uma morada permanente, no máximo podemos-nos considerar visitantes de passagem por um tempo a algum outro lugar.

Ògún, O Incorrígível.

Todo mundo tem Ògún, o sangue que corre nas veias.

Ògún o orixá que abre os caminhos.

O grande orixá Oonkó patrono da floresta.

Ògún o guerreiro do ferro, O guerreiro do fogo,

O primeiro ferreiro. O Sanguinário. O primogênito de Oxalá.

O grande mentor da porta exclusiva aos heróis e guerreiros.

Ògún, Herói Mítico Afro-Americano³

Na cosmovisão afro religiosa, Ògún é o orixá que representa a luta como a dimensão incansável que abre o caminho de busca do processo criativo da existência humana. É cultuado como guerreiro, aquele que parte rumo ao fazer, transformar, recriar, construir. Em todas as comunidades litúrgico-culturais, frente à invisibilidade mitológica, os orixás são

2 Ricardo Chequer Shemas, citando o zoólogo Raudeni em palestra proferida durante a Primeira Jornada Psico-Espiritual de Medicina, promovido por Narapóia, Salvador — BA, 1995.

3 Este texto foi trabalho de pesquisa apresentado na disciplina Psicologia e Religião, pela Prof. Dra. Denise G. Ramos — Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências da Religião.

cultuados como deuses ou deusas, entidades que administram o processo de criação na conjuntura coletiva das relações entre os viventes. E ele, Ògún, nessa empresa, é o primeiro filho de Oxalá, o mais antigo orixá. Por isso é considerado o que abre caminhos, representa o filho, aquele que nasce para acompanhar os pais de retorno à origem, ou seja, a força do novo que floresce.

No nível cosmológico orixá é vida. Daí estarem associados aos elementos da natureza: água, ar, fogo e terra. Compreende-se que essas entidades são forças energéticas que se manifestam nos humanos, como expressão sagrada no plano físico. Neste nível o orixá pode ser visto como símbolo arquetípico. Representando o guerreiro. Daí refiro-me a Ògún como herói mítico.

Todo Mundo tem Ògún!

Quem é este Guerreiro que na América Latina é patrono dos militares, dos prisioneiros de Guerra, das lutas, do sangue e das artes? Da informática, das bombas. Ògún. Quem é este Herói? Que quando as crianças dão ataques de birra, calundu, expressam vontade forte ou silenciam-se com raiva, a família cai em cima e denuncia logo: Só pode ser de Ògún! Ou então olham para ela, pelo canto do olho e pensam em voz alta, quando não falam: Hhummmmm! Olhe o Ògún do avô (ó)!

Pesquisar esse herói mítico afro-latino-americano, aceito culturalmente, é falar de nossa identidade, é desmistificar a cultura americana ensimesmada na diáspora africana. Este trabalho representa produto de uma interação renovada do individual e social. As histórias de orixás atravessaram as fronteiras da língua, da cor. São mitos (histórias sagradas) que até hoje são dançadas, cantadas, cultuadas e vivificadas através dos rituais, constituindo-se a base da linguagem no espaço cultural dos Terreiros.⁴

Não se pode falar de Ògún sem falar de sua mãe, Olokun. Mas como ele é filho de ancestral, de espírito; pode-se até omitir seu pai, Oxalá, mas tem que se falar da floresta, das palmeiras e até do nascimento do Oráculo de Ifá, o deus da sabedoria.

4 Segundo Juana Elbein Santos, diretora fundadora da Sociedade de Estudos da Cultura Negra na Bahia, "Os 'Terreiros' ou àgbé foram e continuam sendo centros organizadores da fixação, elaboração e transmissão cultural, núcleos e polos de irradiação de todo um complexo sistema simbólico"

Ògún é considerado o orixá da ação, ele está associado a elementos símbolos de transformação: o ferro, o fole, a foice, o arco e flecha, a faca, o fogo, as artes. Ele representa o orixá mensageiro. Seu aspecto de interação é relevante na sua atuação de intermediário, ele interage nos humanos, tanto como o sangue conduz o ar ambiente para o corpo inteiro, daí estar relacionado à comunicação.

Em todas as culturas de origem africana, ele é o orixá que abre os caminhos. Abre também as cerimônias públicas conhecidas como “Festas” nas comunidades religiosas de culto aos orixás. No Brasil, Ògún é respeitado até nas encruzilhadas; em Cuba ele é o chefe dos guerreiros, nem chamam de orixá, é guerreiro mesmo. E ainda mais um título: Ògún macheteiro. Vejam o que é símbolo! Anda, fala, transforma, atua e depende da cultura vigente. Ele é o Apolo Afro-americano, deus da morte. Além disso é parte fundamental do calendário litúrgico nos Terreiros, principalmente os de tradição dos orixás em terras brasileiras.

Ògún é o espírito do ferro presente no sangue, o exímio articulador da hemoglobina, e a hemoglobina, a atiradora de flechas, rainha da ação. Esse herói mítico sustenta a vida desde o interior de todos os corpos que nascem no planeta. Ele também está associado a várias folhas, entre elas, a palmeira de dendê cuja seiva dos frutos, o azeite de dendê, representa o brasão dos descendentes da cultura dos orixás.

Esse herói pintou o sete na casa da mãe; traiu o pai, possuindo a mãe sem nenhuma culpa e, quando foi pego em seus devaneios, criou sua própria sentença, determinando-a em uma só cláusula: ficar na terra, trabalhar por toda sua vida como orixá. Ògún conhece todos os cantos do mundo, visíveis e invisíveis. Ama, possuiu, possui e foi possuído por todas as divindades femininas (Oxum, Iansan, Yemanjá), além de medir forças com Nana, a mais antiga, a avó. Degolou o último e grande amor de sua mãe, Olokun. O tal ato do filho custou à mãe o uso de uma máscara prateada para o resto de sua vida. Ficando ela predestinada a instituir morada na porta de passagem para o Orum, o além. Lugar familiar a Ògún; do Orum, ele descende como filho. Atravessa esta porta tantas quantas vezes queira. Acompanhado de seu irmão Exú. Encarregado oficial de atravessar a fronteira sem obstáculo, transportando o código, o sangue dos que partem para o Orum, os mortos e retornar com os que chegam a nascer. Sabe como é que é vida de herói? Ògún, o

indestrutível, se transforma, mas não morre. Renasce?

As histórias de orixá na realidade das Casas de Axé (comunidades religiosas) tem a função de reza, de oração. Além de serem contadas em ocasiões especiais, como durante uma consulta aos búzios; são escutadas, cantadas, dançadas e revividas em ritual. O conjunto dos rituais é uma ciência vivificadora dos mitos e dos poemas da literatura de Ifá, o deus da sabedoria, o patrono do oráculo. O estilo de Ògún passou a ser a metodologia ortodoxa do culto aos orixás. O apreender a fazer, a arte de praticar, funda menta a Pedagogia do Terreiro. A ciência desta tradição religiosa passa pela prática iniciática, vira um conhecimento inovado e se constitui antiga sabedoria.

Escrever sobre Ògún é recitar a vida. É cantar a existência. Sabemos que sem o sangue, é impossível viver aqui no Aiyé, Terra, No caso do ser humano, um corpo oxigenado, é pré-requisito fundamento para o ingresso e estadia no mundo dos que respiram o Ar, que representa Oxalá, o ancestral de Ògún, o sangue. A mãe e o pai da existência. O orixá filho Ògún. Oxalá sabe por que ele próprio usa uma pena vermelha chamada Ekodidé.

O Guerreiro do Metal

“O chumbo e os outros metais seriam ouro se tivessem tido tempo para se transformarem” (Eliade, 1976, p. 135). Como não tiveram tempo o filho primogênito de Oxalá, o escultor de cabeças, descende do Orun vem à terra e entra em cena como “Primeiro Ferreiro” Ògún, é enviado à terra para completar a criação. Ògún cria seu caminho ao atravessar as fronteiras do Orun e no Aiyé funda a cultura, direciona o caminho dos metais como guerreiro do ferro, das armas e do fogo. O arqueiro da arte, o príncipe dos amuletos, através dos mitos expressa e legitima sua vocação desde o mundo do mistério.

O simbolismo do ferro é ambivalente: ao mesmo tempo que protege contra as más influências, é também o seu instrumento. É o agente do princípio ativo que modifica a substância inerte — arado, faca, cinzel - mas é também o instrumento satânico da guerra e da morte (Botas, 1996, p. 44).

Na história africana, Ògún é endeusado como o fundador da Sociedade Secreta

de Ogboni, sociedade antiga de culto ao ancestral. Ògún, o transformador, conquistou a primeira virada da face do mundo, após ter descoberto sua excelência, o fogo. Já mestre na arte da fundição foi enviado à terra por Olorun para complementar a criação e transmitir aos homens o segredo dos ofícios, a arte da caça, o segredo da medicina. Ògún fundiu as primeiras armas e consagrou sua vocação ao fazer. Conhecedor da têmpera e da ternura necessária à arte de viver. É patrono dos caminhos, por intimidade com as fronteiras, e irmão mais velho de Exú, por isso pode estar nas encruzilhadas. Atravessa os limites do Aiyé acompanhado de Exú, o encarregado de transportar a essência do sacrifício, amostra da existência dos que viveram no Aiyé, o sangue. O código que permite a travessia pela porta de prata, o retorno à origem, o Orun. Esse código é a porção sagrada devolvida à Terra, entregue à responsabilidade de Iyá — mi, a deusa da transformação.

“O sentido profundo de todos estes mitos é bastante claro: a criação é um sacrifício. Só se consegue animar o que se criou se lhe transmitirmos a própria vida (sangue, lágrimas, esperma, ‘alma’)” (Eliade, 1976, p. 27). A mitologia africana fala do filho de Olokun e Odudua, que alguns concebem como Oxalá, como descendente do Orun para o Aiyé, hábil modelador de Orí. Em cada época e em cada lugar ele recebia, por suas ações, um título que deu sentido à sua história. Quando Ògún viveu na Cidade de Iré com o povo, em tempo de guerra, foi condecorado durante um banquete especial regado com vinho de palmeira, com o título de Ògún Oniré, o guerreiro. Na época que foi reconhecido como filho de Yemanjá Ogunté, foi chamado de Ògún Ajá, o degolador por excelência, tem predileção por cachorros. Ao se expor como guerreiro do fogo, irmão de Xangô, os yorubás afirmam que ele é Ògún Aréré, orixá Príncipe do Metal, criador das ferramentas, patrono do ferro existente na terra, oculto em nosso sangue. Ògún Alaguedé, o forjador irascível, brutal, dizem que ele vive à margem entre os humanos; sua existência solitária é comparada com a dos animais selvagens, tigres, leões e cobras perigosas, que testemunham constantemente a cada virada do tempo a sua morte facial. E quando se confronta com o ciumento Xangô, seu irmão, pelo amor da sua mãe, Yemanjá, o sangue lhe sobe à cabeça e ele enlouquece, vira do contra, cria inimigos recebe o título de Echibiriki, sua ferocidade não tem igual. Ògún, humanista ferrenho, envolve-se com màrìwò, as folhas mais novas da palmeira, toma vinho de palma e faz sucesso no caminho de uma empresa. A humanidade

atravessa o processo de transformação, reconhece e acredita em sua riqueza. A gente do culto pendura folhas novas da palmeira desfiadas nos portais de entrada de suas casas, em solidariedade à marca de Ògún. Até hoje observa-se o màriwò arteado como uma espécie de bandô nas portas de entrada das casas principais dos Terreiros. Ògún Aladá quando guerreia junto com Yemanjá, durante sua fúria ele desconstrói, recebendo o título Nako niko, sua cara transmuda diariamente à luz da floresta, Ògún Kobu kobu muda a feição do mundo, o transformador.

Semear é uma das cerimônias mais antigas na Terra; organiza-se com uma série de ritos que fundamentam a arte de viver; com e pela natureza, inclusive a natureza humana.

Semear é um rito que se consagra com o culto à colheita. Cerimônia de exercício da fé, ato, exige intenção. São rituais consagrados às mudanças de temperatura e mudanças do tempo em prol da prosperidade básica da vida, da nutrição. A colheita da pimenta foi e é motivo de festas e cerimônias durante muitos encontros de sábios, encontra-se facilmente no caminho regido pelo fogo de Oyá, o orixá da exuberância feminina. Rainha dos raios. A colheita do inhame, por exemplo, está associada ao culto a Oxalá, comemora-se durante o ciclo das Águas de Oxalá, ritual anual de purificação. Pode ser considerado como ritual de passagem, ponderando uma iniciação coletiva, na qual cada um é um e único, porém o conjunto configura como passageiros de uma mesma viagem: Ritual das Águas de Oxalá.

Antigamente ao se aproximar a época da semeadura, os homens em especial ficavam em pânico só em pensar na umidade, na frieza e silêncio da floresta. Antigamente dos antigamente, eles não dormiam, passavam a noite aos gritos em pesadelos. sonhavam e apavoravam-se com a estranheza imprevisível do orixá, Ògún. O Guerreiro estava impedindo a semeadura. Todos estão em busca de soluções. Na época recorreram a Ifá, o deus da sabedoria que aconselha ao povo em época de renovação a se consultarem com o orixá da fertilidade, Oxum (a chuva, as águas, os rios). A deusa das águas concede-lhes a proteção, firma sua presença desde os preparativos do grande ritual de plantação, iniciação. No início da semeadura, Ògún Já está no local de realização. Oxum requisita à gente, ao povo, uma cabaça com mel, elemento catalisador. Ela se prepara e corre o

risco, inicia sua trilha rumo ao interior da floresta, ao encontro do grande guerreiro, Ògún Já. A deusa das águas doces trabalha cantando Oríkís, histórias de vida de orixá. E Ògún é o músico, o dono dos cantos; ele canta em saudação aos ancestrais, depois a todos os Orís nascidos e presentes na Terra; tanto aos dos animais quanto aos dos vegetais. Ela canta às águas e se prepara para um dos eventos mais belos da criação, o nascimento, a prosperidade.

Com palmas, cantos, tambores, ritmo e contrição, Oxum, a senhora das águas, inicia sua dança mato adentro, entre as árvores, cobras, pássaros e as forças invisíveis da floresta. Logo de entrada é recebida por Òssanyin, o orixá das folhas, companheiro de Ògún, quem a aconselha não enfrentar Ògún. Ela corre risco e, com determinação, sutileza e suavidade, ela dança e canta com a beleza própria de rainha encenando o ritual. O corpo é o primeiro instrumento da consciência, como diz Izabelle Filliozat, a autora de *A Inteligência do Coração*. E onde está o mel? O elemento catalisador? O néctar, esse elemento catalisador, está nas mãos do orixá da fertilidade iluminando a evolução coreográfica de sua dança.

Ògún, a uma certa distância, avista a senhora sedução e avisa: não avance. Ela dança e dança entre as plantas e sorri amorosamente para o guerreiro que salta em sua direção como uma espada veloz. Oxum dança e lança em sua cara uma chuva de gotas de mel. O gigante se estremece em arrepios e paralisa nos braços da dama da doçura. Daí em diante, dançam a vida e, juntos, homenageiam a prosperidade, a futura colheita. Ela dança com o cérebro no coração, o coração na cabeça e a cabaça de mel nas mãos. Ògún conhece a têmpera da vida, guerreiros do amor.

Os semeadores terminam o exercício de fé com uma saudação ao orixá Onile, patrono da Terra e saúdam as águas. Encerram o ritual apresentando ferramenta por ferramenta aos patronos da floresta. Abraçam as árvores, cumprimentando o orixá Iroko. Por último saúdam a Òssanyin, o orixá das folhas, o deus da cura. Retornam às suas casas entoando os cantos de alegria. Cantos de saudação às folhas, aos frutos, aos animais, às árvores; cantos que expressam amor para com a natureza.

Ògún nos ensina que um caráter de boa têmpera só pode ser construído e

conquistado no enfrentamento de adversidades múltiplas. A têmpera é uma luta que triunfa num combate de elementos no próprio fundo das substâncias que se enfrentam e se defrontam (Botas, 1996, p. 52).

Têmpera é a busca de uma maleabilidade solidária possível, criada pelo banho do ferro em fogo, com o mergulho n'água fria. Natureza do ato que caracteriza a labuta alquímica do "fazer" entre o ferro e o ferreiro.

O mesmo acontece numa cozinha de Axé, lugar onde se cria o fogo, ao descobrir uma nova liga criativa entre saber e o fazer. Têmpera é a nuance certa de densidade do ferro em aço nascida da mistura pesquisada pelo chefe do fole. E para executar essa ação, não pode estar anêmico, além de ter que estar vivo, empunhar as armas necessárias. A mente ativa afinada e coração comprometido. Porém, despojado, entregue à criatividade, inteiro de instinto e visão. Compassivo, mas sem concessões; só, mas não isolado. Livres, mas, todavia, amantes.

Ògún, o Desafiador da Natureza Feminina

Ògún, o guerreiro mais antigo, o mestre da arte, respeitado como avô da medicina tradicional. Um autor africano cita em seu livro que Ògún, entre milhões de ervas, distingue com a maior rapidez as folhas de tubérculos, que não são tóxicas, e cascas de árvores, daquelas que, por si, são venenosas. A bravura de não dar as costas ao perigo o faz "correr o risco", o caracteriza autoconfiante e de natureza superior. Essa sua identificação com as feras o eleva a tal ponto que às vezes se pode confundir com elas. Sua ferocidade só é aplacada frente à docilidade do amor de Oxum, a rainha da fertilidade, pelo mistério da natureza.

Ògún na sua admiração por tudo que fogia do comum, alvejava sua curiosidade aguçada para o desconhecido. Lançava prazerosamente sua atenção para o dia a dia da vida das mulheres e elas nessa época se encontravam religiosamente todo final de tarde. Reuniam-se de preferência num descampado, a céu aberto.

Desde épocas remotas, Ògún, o protetor dos caminhos, vigia os passos de todos os viventes, mas ao caminho das mulheres ele precede como se fosse sua própria sombra. De

tanto observar à distância a força das mulheres reunidas, criou uma indignação, por um não sei quê. Um dia ele resolveu consultar um mais velho a respeito dos seus sentimentos. Ògún não compreendia suas próprias emoções, morria de curiosidade pelas mulheres e tudo referente a elas. E se perguntava: por que as mulheres se reúnem sempre no mesmo lugar e sempre antes do anoitecer? E por cima de tudo intrigava-lhe a presença de um macaco que sempre estava fazendo parte dessa reunião. Em suas observações, parecia-lhe uma espécie de demonstração mútua dos poderes femininos, como lições de vida expressas uma a outra através de expressões ritualizadas com atos cotidianos da vida. Vez por outra elas trocavam de liderança. E quando lhe trocava o turno, a Oyá, a dama que veste espelhos, ela por sua vez estava portando um graveto na mão, dançando na companhia de um enorme macaco criado por ela. E em pleno meio da praça falavam dos segredos, a poesia era o método, o tema na prática versava em como adestrar animais. A verdade é que elas, comprometidas com a questão da criação, se sentiam no domínio dos grandes segredos. As donas do mistério.

Então um desses encontros sob a liderança de Oyá, o orixá Iansã, na época que os orixás viviam como gente, resume-se no que se pode chamar de espetáculo. De muito longe já pode se escutar o seu canto. Ela canta agudo e empunha na mão direita uma espécie de vara flexível de quase um metro e meio de comprimento, um cipó que usam os sacerdotes do culto aos ancestrais. Ela inicia a reunião quase encenando, segura a vara e, em frente de um macaco no centro das mulheres, ela canta e o animal pouco a pouco inicia uma série de movimentos às custas de leves tacadas. No segundo ato, dança ela, dança o macaco, ambos dançam como quem encontra uma harmonia. E o macaco cada vez que gira fica mais vermelho, quase pegando fogo, conduzido por seguidas fustigadas de cipó cadente. E o cipó, devagar e sempre, vai se transformando em uma vara de fogo, e o macaco gira, pula e roda e salta, sem parar. Até que o macaco aumenta monstruosamente de tamanho, e ambos, o cipó e o macaco, se fundem num fogo só.

Aquela cena aterrorizava aos homens. E a Ògún, orixá da transformação, fazia o sangue subir à cabeça. Entre eles cansaram-se de discutir sobre a persistência feminina.

Resolveram consultar os mais velhos, o oráculo. Como inferir, como suprimir essa bravura das mulheres? E pela terceira vez Ògún, ávido pela transformação, vai aconselhar-se com o deus da sabedoria. O sábio prescreve a Ògún: escolher um dia da semana, vestir-se do pescoço aos pés todo de verde, cobrir todo o corpo com folhas e apresentar-se com a cabeça totalmente vermelha, usar um chapéu vermelho. Empunhar uma espada na mão direita. Estar no local antes que as mulheres se reúnam, sentar-se exatamente no centro do lugar onde elas costumam se reunir.

Assim fez Ògún. A partir desse dia a reunião se exala como éter, é como se nunca tivesse existido, provavelmente não mais visível aos olhos dos homens.

Ògún, o Grande Orixá da Floresta

Os contos de origem africana são histórias de vidas de orixás, encontros e diálogos entre animais. Contam das plantas associadas aos orixás. Ògún à palmeira; Oxaguian ao atorí; Omolú à mamona (Ewe Ewe lará) folha do corpo; Orií à Oxalá. Conheço um comentário antigo que existe uma correlação de uma árvore para cada ser que nasce na Terra. A árvore é o símbolo mais poderoso do reino vegetal. O culto às árvores é a expressão religiosa original mais antiga, surgiu como primeira forma de religião.

Os banhos envolvem uma ciência, um saber minucioso tratado com regras religiosas. Todas as folhas estão associadas aos orixás. Assim como Apolo, o Ògún da mitologia grega, está ligado ao louro, Attis-pinheiro, Atena-oliveira, Osíris-cedro, Júpiter ao grande carvalho.

Por quê será que ao entrar na mata deve-se oferecer um pedaço de fumo à Òssanyin? Nada mais excitante que uma lição de caçador, para enveredar num contemplativo mergulho mato adentro, aprendendo a criar uma nova relação com as árvores, plantas, animais e transferir o aprendizado para o reconhecimento da existência do mistério que engendra o funcionamento da natureza humana. Dentro dos Terreiros catar folhas, seja para banhos ou outra utilização, é um ritual que exige um título especial, um preparo. Além de se salvar Òssanyin, canta-se para encontrar a folha ou quando com ela se encontra. Uma senhora com esse cargo especial no Ilé Axé Opô Afonjá, um dos Terreiros mais antigos na Bahia, lá pelos anos oitenta me disse um dia que as folhas se escondem e

desaparecem e se mudam de lugar. Elas brincam com a pessoa. E matam também.

Antigamente em muitas culturas, oferecia-se a seiva das árvores aos deuses em cálices dourados. Assim como o sacrifício de animais aos espíritos das florestas. Os cultuadores do reino vegetal falam que todas as partes da planta possuem poderes místicos. A mata onde se reúnem árvores de copas grandes é o lugar ideal para se cultivar os orixás, um altar natural, pepele, peji, onde os orixás da floresta (Ògún, Òssanyìn, Ossoci, Iroko) são cultuados. Há uma crença antiga que os rebentos que nascem sobre as covas devem ser reverenciados especialmente como sagrados. O alimento é um fator que particulariza esse jeito de fazer religião. O ambiente é consagrado ao corpo, à vida, à saúde e ao espírito.

Os caçadores e conhecedores dos meandros da floresta dizem que as plantas aparecem e desaparecem. Como o fuxico tem perna curta, a linguagem é oral, corre um boato, entre os homens e mulheres de conhecimento, que umas determinadas folhas colhidas ao amanhecer curam, ao meio-dia elas envenenam, no meio da tarde podem até aleijar e à noite trazem sérios transtornos para a saúde. Esta relação com os elementos sagrados abre um diálogo com os antigos enigmas que constituem uma linguagem com as várias espécies da natureza, além da floresta.

A sabedoria dos mais velhos afirma que as plantas se trans_ferem, seguem as pessoas por simpatia, acompanham as pessoas por onde quer que elas estejam. A palmeira de dendê é uma delas atravessou os mares com o nome de Igí Ope e fez do seu caminho de orixá. Acompanhou os "Reis", "Rainhas" e "Princesas" nessa longa travessia predestinada às Américas, ao Brasil, firmou sua identidade na Bahia.

Já estamos em plena floresta, os dendezeiros estão na mira São palmeiras que sempre estão abertas em forma de leque. Segundo os expertos no assunto, elas são de descendência asiática. Mas aqui nessa terra de coqueiros elas se sentem donas do lugar. Sentem-se em casa, uma prova disso é sua própria identidade. Na Bahia são chamadas de dendê, toda cozinha baiana de verdade tem um vasilhame com azeite dendê, manteiga de corajo, como diz o cubano. Tem mais, dependendo do estado ou região vai recebendo nomes diferentes. O dendezeiro é uma palmeira de fundamento para os Fon-yorubá e para os descendentes espalhados pelas Américas. Essa palmeira é concebida como domicílio de espíritos. A novidade é que a palmeira de dendê tem Oríkí, história consagrada que vai

se construindo com os títulos recebidos. O dendê tem mais de cinco nomes decorrentes das funções inerentes aos cargos.

O dendezeiro na América do Sul circula no mundo religioso cultural como uma das árvores mais sagradas. No seio de sua ancestralidade, eles dão cachos voluptuosos cor de cinábrio. Da polpa amarela de seus frutos viçosos alaranjados, extrai-se o dendê, ainda hoje de forma artesanal. Cachoeira de São Felix é uma das cidades históricas do recôncavo baiano que é mestra na extração do dendê. Dia de feira local, até as pamonhas de milho se não tiverem cuidado vão à festa com cheiro de dendê. O famoso azeite de dendê é relíquia tradicional da cozinha de Axé. O único orixá que dispensa dendê em seu banquete é Oxalá, É ewo, quizila (proibido) para os filhos de cabeça também. Dendê é o ouro da comida afrobaiana. Acarajé se frita em dendê, Abará, moqueca e xinxim são pratos baianos que não dispensam esse azeite dourado • O dendê representa uma das heranças presentes na casa do fogo' cozinha, lugar onde se cria o fogo.

Em Cuba existem os dendezeiros, mas os cubanos não se habituaram a extrair o azeite. Apesar de não fazerem nada de preceito para orixá que não esteja presente a manteiga de corajo, importam esta através de amigos. Os sacerdotes do culto, Babalawos, devem ter azeite em casa para se comunicarem com a sabedoria. Esse fato é cantado e bem presente nas músicas populares.

Em Ifé na Nigéria além do azeite se extrai o vinho de palma, bebida refrescante que se serve nos restaurantes, fresca ou fermentada por vinte e quatro horas. Na cozinha de Axé é uma das beberagens apropriada, apreciada pelos devotos de Ògún. Esse vinho é proibido para quem tem Oxalá como orixá de frente. Conhecem essa história de Oxalá que conta quando ele se embebedou em sua caminhada de individuação? Ele crava seu bastão de prata na palmeira, solve sua essência e adormece no caminho à Terra na época da criação do mundo, por ter bebido a seiva fresca do Opé, vinho de palma. Aquela foi a primeira e única vez que Oxalá, o pai de Ògún, tomou deste vinho.

A sombra dessa palmeira carregada de mitos é a "tenda" dos que estão de "passagem" para o Orun.

Esta leitura sobre os elementos presentes na natureza confirma um postulado etno-ecológico que engloba num só universo a família dos metais, com as rochas, árvores,

animais e reúne o ferro, ouro, prata, rios, lagoas, cachoeiras, bronze, mercúrio, florestas e montanhas em um mesmo ambiente. A vida sócio-africana religiosa brasileira busca filosoficamente expressar o sentido de ser, numa visão ecossistêmica, uma comunhão vital entre ancestrais, homens, mulheres, crianças e orixás, num complexo de vivos e não vivos; humanos e não humanos, em um só universo. Cultuam a existência de uma tradição que preserva a fitolatria. O costume de “fazer” é o estilo de comungar a vida.

No ritual do “Canto de folhas”, todas elas são reverenciadas e as frondosas são saudadas pela força de transformação com o intento de cultivar a preservação da saúde, O Orí, o espírito vivo de cada pessoa, é protegido pelas árvores que promove a função magnânima da oxigenação do ambiente do planeta.

A mangueira, o ficus, a jaqueira, a cajazeira, a pitangueira, a gameleira juntam-se ao dendezeiro, à pimenta, e formam a cúpula das árvores preservadas e cultuadas no Terreiro, conjunto dos símbolos naturais indispensáveis à nutrição espiritual, hierarquicamente encabeçadas por Iroko, a árvore consagrada como templo. Iroko também está associada ao orixá Tempo. Em volta e dentro das palmeiras, os invisíveis fazem sua morada.

Ògún o Músico, o Mestre do Canto da Vida e da Morte

Ògún é chefe dos caçadores, o “mestre do canto” para a vida e para a morte. O canto ligado à vida é um canto que expressa o amor de Ògún para com a floresta, conseqüentemente para com a Terra. É um tipo de poesia tradicional dos caçadores yorubanos. Canto de saudação aos animais, pássaros, árvores; esses cantos revelam a participação desses reinos na transformação da natureza. Ijalá é um canto de cumprimento à relevante determinação férrea existente em nós. Canta-se durante os ciclos de celebração da vida em ocasiões alegres; canto para qualquer hora e qualquer lugar. Durante os rituais eles estão associados ao orixá Ògún e Òssanyin. Ijalá é diferente do canto fúnebre, Iremoje, poesia de considerável mérito estético na tradição, Ambos são ritualísticos, ligados estritamente a Ògún, poeta e músico. Ijalá é um canto de solo e Iremoje é canto de dueto. Os cantos Iremoje têm uma característica muito particular, são cantos que de entrada apelam para a atenção da audiência. O fúnebre se caracteriza

pelas mensagens de bravura e o heroísmo, expressões características do ritual de morte. Eles abrem a mensagem, individualizam o heroísmo do morto frente a nobre causa de “passagem” pela vida em direção ao outro lado, pode-se dizer, levantam o astral do morto. Os cantos Iremojé são cantos que fermentam a cerimônia com lamentos e brindam o odu, o caminho, trilhado pelo morto quando vivo e sua continuidade no caminho de Ancestral; expressa lamentos específicos associados à morte, próprios desse tipo de cerimônia, expressão de cumprimento ao morto como ancestral em trânsito pela vida em direção ao Orun, canto que em África só se entoa à noite depois da caída do sol em frente à casa do falecido. Aqui entre nós, na Bahia, canta-se à noitinha, depois da “hora mágica” durante as obrigações de morte. São cantos também consagrados à cerimônia de Àssèssè, ritual de morte. Iremojé é uma saudação a uma distinta bancada espiritual, ao corpo de ancestrais, aos pais e mães ancestrais.

À luz da mitologia de origem africana Ògún, o que representa a natureza do filho chega e vira a face do mundo, criando outra época. O filho, além de ministrar aos pais o conhecimento de viver relações estreitas, nasce com funções específicas: testemunhar, saudar com cerimônia o retorno dos pais à fonte de origem. Daí se preservar o fundamento do culto aos ancestrais, à imortalidade dos que já passaram por aqui, representa a origem cultuada e preservada pela Sociedade Secreta masculina de culto aos ancestrais. Na realidade brasileira é a continuação do culto aos orixás. O ritual de Àssèssè funciona também como uma fronteira, um limite entre os cultos “Lesse Orixá” e “Lesse Egún”.

Ògún, caçador solitário (Ode Arolé), vivia aos amores com Yansan, conviviam em perfeita harmonia com a guerreira da morte, esta famosa que carrega um cipó na mão. A que conduzia a reunião de mulheres dando chicotadas no macaco. Iyá Messan Orun (Iansan) a mãe dos nove filhos mortos. Ògún, no seu estranho jeito de viver, na época tinha a caça como sua ocupação predileta. Caçava do amanhecer ao cair da tarde. Porém, religiosamente retornava à sua casa e, juntos, ele e essa ponderosa, degustavam do banquete preparado com toda a sagacidade amorosa de uma experta em defuntos. Ela cozinha fazendo jus a um provedor machão. Apesar de ausente, não visível, ele é pontualíssimo quando se trata de banquetes. Um belo dia, ela o esperou e se desesperou pois ele não retornou. A esposa apaixonada não resistia ao impacto da ausência, clamava

à floresta pelo caçador que retardara a chegar. Canta e canta perguntando para cada folha: Por onde anda o Caçador? Ela, ávida por sua chegada, esperara, e ele jamais retornara. E clamava aos quatro cantos do universo, pelo “Caçador dos Caçadores” que pela primeira vez não retornara da caçada. Cantou e dançou em volta da mesa posta, por três, sete e quatorze dias e noites, fez vigília. Saudou com canto a magnitude do amante durante a passagem de sua existência pela terra. Todos dançam, cantam o Àssèssè, com a rainha dos mortos. Aí se instaura o ritual de culto à morte. Os descendentes africanos a gente de orixá tantas vezes sejam necessárias, reúne o Egbé, o corpo de iniciados, para cantar o Àssèssè com Iyansan e Ògún.

A cerimônia de morte é um ritual que comemora a transformação, uma reverência ao nascimento de Orí no Orun. O retorno de Orí à fonte de origem. Esta cerimônia é o ritual de cumprimento ao papel do filho. A nova geração prepara a velha geração para a viagem depois da morte, perpetua a entrada dos antepassados ausentes de corpo no mundo dos ancestrais, na sociedade secreta de Égún. Ògún é o gênio dos cantos lutosos. Sua música é alegre, a coreografia de sua dança é marcada com movimentos como linhas que se cruzam na frente do corpo, movimentos rápidos e linhas curtas em diagonais alternadas para um lado e outro, para frente e cruzando em cima e embaixo. A expressão básica da dança deste orixá é apontar as retaguardas e circular rapidamente envolta do corpo, impulsionando o passo para frente, abrindo novos caminhos. Esta é a sua própria dança.

Amor e Ódio do Guerreiro pela Mãe

Quem é a Mãe de Ògún? Olokun uma mulher destemida da época, o próprio espírito das águas, menina moça, mulher e sábia de temperamento exuberante. Bela em seus atos, madura em seus tempos e determinada em suas ações. O tempo não atuava sobre sua feminilidade, ela seguia menstruando, porém, desfrutando sua temporada de sábia, avó. Encantadora e misteriosa, sua beleza estava acrescida por grandes laços amorosos. Seu coração vivia tomado por volúpia de paixão, sua existência era feita de rodopios, atacada pelo ministério do amor. Seu culto é a vida.

O guerreiro sanguinário está de visita à casa de sua mãe. Na época, Olokun está vivendo um dos seus grandes amores a ponto de não mais poder manter em segredo,

longe dos olhos de seus demais pretendentes. Por força do hábito seus homens estavam entre os heróis e os guerreiros. Ògún, o velho conhecido do caminho do fogo, atacado pela extravagância de sentimentos, queimava-se de amor por esta poderosa, sua mãe, Quando, um belo dia irradiado pelo excesso de ciúmes, mata o grande amante de Olukun. Ela vai ao encontro do seu amor e encontra-o estirado no chão. A cena era irresistível aos olhos de uma grande amante, ela cai em prantos, não resiste ao fato e pela primeira e única vez se desaba em lágrimas. Vê-se possuída por uma profunda tristeza por não poder exercer no ato o seu papel de transformadora por vocação. Com o coração transtornado chora indefinidamente pela ausência do seu eterno amor. Inicia uma era de lamentos chorados. Tempos e tempos de choro. Com a ausência da alegria, o Aiyé começava a ser contagiado pela improdutividade. A notícia chegou a Oxalá que se achou no direito de fazer uma visita a sua companheira de longas batalhas. Em verdade a abundância da tristeza era tanta que a cara de Olokunjá se derretia com as lágrimas. Oxalá, o amenizador de problemas, considerou a abrangência do seu sofrimento frente àquela dor. Ofereceu-lhe uma máscara prateada, como condecoração, protegendo-a para que seu sentimento de dor e seu choro não fossem visíveis. Nas profundezas dos oceanos, a partir desse momento, se constrói uma passagem ao outro mundo. Uma porta de prata especialmente condecorada aos heróis e guerreiros. Olokun toma conhecimento e, na esperança de com ele se encontrar, escolhe morar por tempo indeterminado frente a esta porta; e, assim, é testemunha dos que por ela atravessam, guerreiros ou heróis em direção ao Orun, predestinados a levar a mensagem de amor de Olokun. A deusa que usa uma máscara de prata, noite e dia em seu palácio, entrada para o Orun. O orixá Ògún é a força impulsionadora da ação, o mental, a presença do ferro na correnteza vermelha do sangue arterial, liberado do furor criativo do ventre, interior de todos os corpos. Assim correm os rios para o oceano. As pessoas desse orixá são olhadas como “resolvidas”, emocionalmente respeitadas como “gente de sangue quente”, no social assombram e fascinam. Ògún o espírito do sangue. Aquele que persegue a mãe em “banho-maria”.

Ògún yé!

Referências Bibliográficas

BOTAS, Paulo. *Carne do sagrado*. Edun Ara. Petrópolis: Vozes, 1996.

BRITO, Ênio. *Interfaces do sagrado em vésperas de milênio*. São Paulo: Olho D'água, 1996.

ELIADE, Mircea. *Ferreiros e alquimistas*. 2. ed. Trad. Carlos Pessoa, Coleção Antropos. Lisboa: Relógio D'água, 1976.

FATUMBI, Awo Fa'lokun. *Ìbà ' Se Òrìsà*. New York: Original Publications, 1994.

RODRIGUÉ, Maria das Graças de Santana. *Experiência religiosa e trabalho de campo - Ilé Axé Opô Afonjá*. Salvador, 1979-1997.

WANDE, Abimbola. *Sixteen Great Poems of Ifá*. Unesco, 1975.